



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Racionalismo e romantismo em “Memórias do subsolo”, de Dostoiévski

Rationalism and Romanticism in Dostoevsky’s “Notes from Underground”

Autor: Arlene Fernandes

Edição: RUS Vol. 12. Nº 18

Data: Abril de 2021

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2021.180977>



Racionalismo e romantismo em “Memórias do subsolo”, de Dostoiévski

Arlene Fernandes*

Resumo: Dostoiévski foi condenado por conspiração revolucionária contra o tsar e a experiência do cárcere deixou marcas profundas em sua trajetória literária. Partindo de uma defesa do solo russo enquanto único espaço capaz de articular uma oposição às teorias racionalista e romântica, o romancista estabelece sua crítica da modernidade. O artigo, portanto, busca analisar as críticas de Dostoiévski às ideologias ocidentais, bem como em que sentido essa concepção é elaborada enquanto crítica da modernidade, porém nos termos de um discurso moderno.

Abstract: Dostoevsky was convicted for taking part in a revolutionary conspiracy against the czar, and this experience as a prisoner left deep marks in his literary trajectory. Starting from the defense of the Russian soil, considering it the only space able to articulate an opposition to the rationalist and romantic theories, the novelist will establish his critique of modernity. Therefore, this article seeks to analyze Dostoevsky's criticism of Western ideologies and how that critical conception is formulated as a critique of modernity, but in the terms of a modern discourse.

Palavras-chave: Dostoiévski; Modernidade; Racionalismo; Romantismo

Keywords: Dostoevsky; Modernity; Rationalism; Romanticism

I. Introdução

* Doutoranda em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Ciência da Religião e graduada em Ciência da Religião e em Ciências Humanas pela mesma instituição. Integra o Núcleo de estudos da religião em Dostoiévski e Tolstói. fernandes.arlene@hotmail.com

A modernidade se desenvolveu a partir de diversas tendências de um pensamento que se ancorava na razão para pensar o homem enquanto ser autônomo e universal. Essa nova forma de interpretar a realidade marca a oposição moderna às tradições cristãs. O racionalismo se instaurou como verdade através da derrubada de um mundo que atribuía o sentido da vida humana ao conceito religioso de positividade da revelação. O questionamento desses valores implicou a perda das certezas metafísicas e o homem entregou sua vida ao racionalismo, que, ao mostrar suas limitações, culminou no niilismo. Os românticos do século XIX, certos de que poderiam enfrentar o individualismo racionalista, promoveram uma reconciliação do humano com as dimensões transcendentais da existência, o que marcou também certo retorno às ideias tradicionalmente cristãs.

A sociedade russa, ainda que em momentos distintos e de acordo com as particularidades de seu pensamento, também experimentou esse conflito. A intelectualidade russa encontrou no romantismo uma narrativa histórica que seria usada como tentativa de instaurar na sociedade a superação das contradições humanas. Romantismo e racionalismo caracterizaram a dicotomia de um contexto no qual se discutia a melhor forma para a assimilação dos ideais vindos do ocidente europeu.

Dostoiévski iniciou sua carreira literária inclinado ao primeiro lado do discurso citado. Isto é, ele se utilizava das teorias sociais vigentes para pensar soluções aos problemas de seus contemporâneos. Foi sob influência desse discurso que ele compôs seus primeiros romances e foi também segundo essa lógica que se envolveu em discussões revolucionárias.¹ A experiência pessoal no cárcere, associada, porém, às percep-

1 CATTEAU, 1973, p. 176.

ções sociais, faria com que o autor percebesse algumas das mais severas incoerências modernas e anunciasse seu destino trágico.

A dinâmica do niilismo, que expôs os movimentos viscerais de autodestruição do ser humano, marcou a realidade na qual Dostoiévski estava inserido. A Rússia do século XIX viu as grandes propostas de desenvolvimento civilizacional europeias entrando em seu contexto social e fundindo-se com suas tradições. Isso se deu em decorrência do grande aporte de autores como Nikolái Tchernichévski, que via na razão e na ciência as possibilidades de se construir uma sociedade perfeita.² Foi nesse contexto que o posicionamento crítico de Dostoiévski em relação às concepções modernas que determinam as experiências humanas se mostrou revelador.

Contra ambos os movimentos e ao defender as particularidades de sua nação, Dostoiévski surge como um crítico desse processo de assimilação dos valores europeus pela sociedade russa. Sob essa perspectiva, ele se opõe, no início de sua obra madura, ao racionalismo e ao romantismo, e defende uma retomada dos valores do povo russo. O período histórico da modernidade, que submeteu a sociedade a um processo de dessacralização, fez crer que a instância religiosa não resistiria ao domínio dos projetos científicos. Algumas correntes de pensamento, porém, denunciaram que um projeto de mundo ancorado na lógica das propostas modernas não se sustentaria. E na Rússia do século XIX, de fato, não se sustentou. A sociedade russa desse contexto experimentou as consequências da cisão do pensamento social, dividido entre aqueles que defendiam soluções racionalistas aos problemas políticos e aqueles que, ao buscar manter os valores tradicionais, entendiam que se devia construir um percurso próprio para os avanços da sua nação.

² FRANK, 2002, p. 430.

II. Crítica ao racionalismo

A crítica da modernidade de Dostoiévski se apresenta pela primeira vez, de forma mais evidente, na novela *Memórias do subsolo*. Esse livro representou um passo decisivo na orientação do autor rumo aos seus grandes romances filosóficos e, por isso, tornou-se consenso que seria impossível compreender a totalidade da obra dostoiévskiana deixando essa novela passar em silêncio.³ A opção por tratar desse texto se dá porque é nele que o romancista elabora sua crítica às concepções racionalistas e românticas, levando às últimas consequências as implicações lógicas da modernidade. Na novela, considerada por René Girard como a primeira das grandes obras dostoiévskianas do período posterior ao seu retorno da Sibéria,⁴ o romancista elabora sua crítica aos opositores – dentre eles, principalmente a Tchernichévski – levando as pressuposições e possibilidades lógicas dos adversários racionalistas à conclusão de um impasse destrutivamente insolúvel.⁵

Dostoiévski concebe na personagem central uma personalidade cindida, cujas atitudes são o resultado da formação cultural moderna, isso porque o seu caráter representa as duas fases dessa formação. Essa novela, dividida em duas partes, não representa uma simples oposição exterior ao racionalismo e ao romantismo, mas apresenta as consequências destrutivas desses projetos “a partir de dentro”, como observou Joseph Frank.⁶ Ou seja, o não nomeado homem do subsolo não representa uma rejeição da razão, mas sua aceitação e as implicações destrutivas desta. Da mesma forma, isso se aplica aos elementos humanitários da ideologia romântica que veremos expostos na segunda parte da obra.

Herdando aquela aguda percepção social já presente em seus primeiros escritos, Dostoiévski concebe no homem do

3 SCHNAIDERMAN, 1983, p. 32.

4 GIRARD, 2009, p. 343.

5 FRANK, 2002, p. 432.

6 FRANK, 2002, p. 432.

subsolo o reflexo abissal do conflito moral, social e psicológico que caracteriza a experiência moderna. O romancista manifesta esse anseio de reduzir a alma às satisfações puramente materiais nas palavras da personagem: “Direi que acabe o mundo mas que eu sempre possa tomar o meu chá”.⁷ Para o autor, o homem do subsolo, que fala de si através dos livros, é um filho das ideologias que permeavam a sociedade russa. Dostoiévski então escreve nas páginas finais, nas quais sua voz se manifesta:

Olhai melhor! Nem mesmo sabemos onde habita agora o que é vivo, o que ele é, como se chama. Deixai-nos sozinhos, sem um livro, e imediatamente ficaremos confusos, vamos perder-nos; não saberemos a quem aderir, a quem nos ater, o que amar e o que odiar, o que respeitar e o que desprezar. Para nós é pesado, até, ser gente, gente com corpo e sangue autênticos, *próprios*; temos vergonha disso, consideramos tal fato um opróbrio e procuramos ser uns homens gerais que nunca existiram. Somos natimortos, já que não nascemos de pais vivos, e isto nos agrada cada vez mais.⁸

Passagens como essa nos ajudam a compreender porque o texto foi interpretado como uma antecipação profética e como uma advertência em relação aos riscos que o homem incorria ao viver segundo a lógica das propostas racionalista e romântica. Tal interpretação atesta, pode-se sugerir, que o homem do subsolo apenas deve ser compreendido em relação ao diálogo que o autor desenvolve frente às teorias filosóficas vigentes no contexto de então. Ao negligenciar esse aspecto de fundamental importância para o entendimento da personagem e ao tratá-la somente a partir de sua dimensão ficcional, muitos intérpretes incorreram no erro de buscar no homem do subsolo uma defesa do modo de vida moderno, em vez de uma crítica desse processo. Isso se dá também porque o autor se utilizou de uma forma diferente para abordar sua crítica da modernidade. Como já dito, ele não elabora sua concepção munido de argumentos que partem de uma defesa da tradição, mas através da própria lógica interna de um discurso moderno. A

7 DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 138.

8 DOSTOIÉVSKI, 2009, pp. 146-147.

questão que o romancista propõe é: quais serão as consequências na vida de um homem que assimila e vive segundo o que dizem os livros? A grande percepção histórica de Dostoiévski permitiu que ele encontrasse uma resposta para esse impasse denunciando o destino trágico de uma personagem que escolhe viver sob essa perspectiva de sentido.

Reconhecer no homem do subsolo um representante das teorias filosóficas de então fez com que seu criador fosse tido como um defensor desse tipo de comportamento. Ao identificar os traços da personagem com as convicções pessoais de Dostoiévski, a força da denúncia que se tem na novela ficou, por muito tempo, obscurecida. Talvez por prever que seus contemporâneos pudessem não entender a intenção do texto – afinal, o romancista tinha consciência de que grande parte deles estava embriagada pelo discurso vigente –, ele busca esclarecer sobre o caráter ficcional da personagem em relação às suas concepções como autor através da seguinte nota preliminar:

Tanto o autor como o texto destas memórias são, naturalmente, imaginários. Todavia, pessoas como o seu autor não só podem, mas devem até existir em nossa sociedade, desde que consideremos as circunstâncias em que, de um modo geral, ela se formou. O que pretendi foi apresentar ao público, de modo mais evidente que o habitual, um dos caracteres de um tempo ainda recente. Trata-se de um dos representantes da geração que vive seus dias derradeiros.⁹

A estratégia do romancista, porém, não foi suficiente para evitar o equívoco. Esse erro não se deu sem razão. Dostoiévski carrega algumas passagens do texto de suas concepções pessoais e, nas últimas páginas, o homem do subsolo dá lugar aos argumentos do próprio autor. Durante quase todo o texto, o romancista denuncia as trágicas consequências da modernidade através de uma estratégia que Frank nomeia ironia invertida. Porém, no final, o narrador se sobressai ao questionar se viver segundo as lógicas da personagem central é, ou não, mais destrutivo que segundo a utopia do egoísmo racional defendida por Tchernichévski.

⁹ DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 14.

Os questionamentos trazidos pela narrativa mostram que Dostoiévski, mais que defendendo um retorno às ideias tradicionais contra o avanço da razão, estava estabelecendo sua crítica de um modo mais elaborado. Ele não se utiliza de um vocabulário cristão para confrontar a razão – ainda que aspectos religiosos possam ter guiado sua escrita de alguma forma –, mas recorre aos recursos de linguagem que caracterizam o discurso de seus contemporâneos radicais. Ao admitir essa estratégia, pode-se perceber as paródias que o autor desenvolve a partir dos textos de Tchernichévski.

Tchernichévski compôs *O que fazer?* entre o final de 1862 e o início de 1863, enquanto esteve preso por sua atuação política, na Fortaleza Pedro e Paulo, em São Petersburgo, deflagrando o espírito revolucionário na juventude de seu país. As reformas instauradas pelo tsar Alexandre II estimularam o desenvolvimento capitalista mas não foram acompanhadas de uma abertura política, e diante disso o autor antecipou nesse seu livro que as contradições da modernização desembocariam na derrubada do regime. O fracasso das ações promovidas pelo tsarismo fez com que Tchernichévski desacreditasse cada vez mais das reformas incentivadas pelo poder autocrático e apostasse na luta revolucionária.

Ivan Turguêniev escreveu *Pais e filhos* demonstrando discordar daquilo que considerava ser um excesso de radicalismo entre os membros da nova geração. Tchernichévski, na condição de expoente dessa nova geração, decidiu demonstrar através da literatura de ficção, único meio permitido a ele na prisão, que os valores da antiga geração estavam obsoletos e que a inevitável transformação da sociedade já estava em curso. O autor então compõe o livro citado em resposta às atitudes reacionárias e defende aqueles que, como ele, não acreditavam em outro meio para o desenvolvimento da sociedade, senão a ciência. Como veremos, Dostoiévski dará continuidade ao debate, com *Memórias do subsolo*, através da resposta que desenvolve contra o que considera uma limitação da proposta de Tchernichévski.

Grande contribuição do autor às causas revolucionárias da época, *O que fazer?* foi alvo da contraposição de Dostoiévski. Isso porque, segundo o autor, Tchernichévski não considerou que tal proposta social não poderia ser sustentada sem que se considerasse os aspectos emocionais da alma humana. Essa defesa de Tchernichévski denuncia as influências de Ludwig Feuerbach e John Stuart Mill sobre suas concepções filosóficas e éticas. O autor estava certo de que uma sociedade ancorada no materialismo e no utilitarismo alcançaria um estado de paz e prosperidade porque, uma vez que o homem compreendesse as vantagens de seguir os critérios da razão, começaria a se comportar de modo fundamentalmente egoísta. O reconhecimento do egoísmo racional, que, para o autor, é o mais alto desenvolvimento humano, faria com que os indivíduos entendessem a real utilidade de se identificar com a maioria. A certeza de que as ideias materialistas e utilitaristas seriam o suficiente para guiar a ética humana, sem que fosse preciso recorrer aos preceitos religiosos do sacrifício cristão, despertou forte discordância em Dostoiévski. Tchernichévski, porém, acreditava que tais ideias não só eram viáveis, mas também que já estavam em curso e avançariam:

Mas, hoje em dia, outras alternativas ocorrem: pessoas honestas cada vez mais começaram a se encontrar. Esse desenvolvimento é inevitável já que o número de pessoas honestas cresce cada ano. Com o tempo essa opção vai se tornar a mais comum. Com mais tempo ainda, vai se tornar a única opção porque todas as pessoas serão honestas. Então o mundo ficará realmente bom.¹⁰

O homem do subsolo busca dominar e tiranizar todos aqueles que encontra, e essa atitude, segundo Frank, constitui uma forma de repúdio aos ideais humanitários que o próprio autor depositara nos escritos da primeira fase de seu pensamento.¹¹ Ao reconhecer a realidade do egoísmo, Dostoiévski conclui sua novela a partir da aceitação de que as dimensões de crueldade, dor e sofrimento humano não podem ser racionalizadas segundo nenhuma perspectiva moral.

10 TCHERNICHÉVSKI, 2015, p. 85.

11 FRANK, 2002, p. 429.

A primeira das duas partes em que a novela é dividida representa uma disputa direta com o racionalismo e com o utilitarismo, mas de modo algum se pode terminar a análise da crítica do autor nesse ponto, como por muito tempo se fez entre os intérpretes da obra. Não se deve interpretar Dostoiévski como um partidário do romantismo que, logo após criticar o racionalismo na primeira parte, rende-se aos ideais sentimentais e humanitários na segunda parte. Mesmo que o autor se utilize de outros meios para criticar o romantismo, menos diretos que aqueles que serviram contra o racionalismo, não se pode incorrer no erro de identificá-lo com a segunda parte da novela. O homem do subsolo é não só um acusador do racionalismo, como também um dos românticos acusados: “Em outras palavras, o homem do subterrâneo não é apenas um tipo moral e psicológico cujo egoísmo o autor deseja expor; é igualmente um tipo socioideológico, cuja psicologia deve ser vista como estreitamente interligada com as ideias que ele aceita e pelas quais tenta viver”.¹²

A primeira parte da novela é composta por um diálogo entre o narrador e um interlocutor imaginário, através do qual a personagem descreve sua tentativa de viver segundo uma proposta racional. Ele fracassa. A segunda parte é, por outro lado, uma tentativa de justificar a atitude altruísta e pseudobenevolente que parte de um raciocínio egoísta. Ele fracassa outra vez. Dostoiévski denuncia que o vazio moral promovido pela aceitação do determinismo social implica a consciência de que, diante das leis da natureza, não se pode agir. O resultado daquilo que a personagem nomeia consciência hipertrofiada é a inércia diante dos conflitos morais da vida e o refúgio na certeza de que os indivíduos modernos estão destinados a se tornar criaturas sem caráter. Contra isso, nada mais poderia ser feito. “Resulta o seguinte, por exemplo, da consciência hipertrofiada: tu tens razão de ser um canalha, como se fosse consolo para um canalha perceber que é realmente um canalha”.¹³

12 FRANK, 2002, p. 432.

13 DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 20.

A primeira parte da novela é, portanto, uma crítica direta ao racionalismo dos anos de 1860. A segunda parte, como se analisará posteriormente, representa uma crítica do romantismo dos anos 1840, segundo sua lógica interna. Isto é, o homem do subsolo não rejeita o romantismo, mas o destino trágico da personagem denuncia as implicações destrutivas desse ideal na vida concreta do homem. Porém, por mais enfática e cruel que seja a crítica de Dostoiévski ao romantismo, presente em seus primeiros livros, a defesa humanista da responsabilidade moral e social tem um valor positivo, ainda que se manifeste de forma egoísta. A autonomia da personalidade ainda é melhor que a dissolução do indivíduo promovida pelas distrações racionalistas. A maior aversão do autor se manifesta, portanto, no embate com as propostas de Tchernichévski, que exercia grande influência sobre a juventude revolucionária naquele momento.

Como resume Frank, “A razão diz ao homem do subterrâneo que culpa ou indignação é coisa totalmente irracional e sem sentido; mas a consciência e um senso de dignidade continuam de qualquer forma a existir como componentes inextirpáveis da psique humana”.¹⁴ Isso ajuda a entender porque, apesar das convicções de sua razão, o homem do subsolo não admite perder sua consciência e sua capacidade de se reconhecer injustiçado diante da lógica utilitarista. O ressentimento expresso nas falas da personagem pressupõe que o interlocutor seja um homem de ação. Isto é, um partidário de Tchernichévski, que crê na conduta humana enquanto produto das leis da natureza e não considera que alguns sentimentos não podem ser sufocados por um projeto racional de sociedade. A fim de ilustrar essa dinâmica, o homem do subsolo questiona:

Pergunto-vos agora: o que se pode esperar do homem, como criatura provida de tão estranhas qualidades? Podeis cobri-los de todos os bens terrestres, afogá-los em felicidade, de tal modo que apenas umas bolhazinhas apareçam na superfície desta, como se fosse a superfície da água; dar-lhe tal fartura, do ponto de vista econômico, que ele não tenha mais nada a fazer a não ser dormir, comer pão de ló e cuidar

14 FRANK, 2002, p. 440.

da continuação da história universal – pois mesmo neste caso o homem, unicamente por ingratidão e pasquinada, há de cometer alguma ignomínia. Vai arriscar até o pão de ló e desejar, intencionalmente, o absurdo mais destrutivo, o mais antieconômico, apenas para acrescentar a toda esta sensatez positiva o seu elemento fantástico e destrutivo.¹⁵

A personagem que se afunda cada vez mais no subsolo sabe que seria mais fácil viver segundo o que proclamam os homens de ação e, por isso, afirma invejá-los ao extremo. A consciência hipertrofiada da personagem permite aproximá-la, na segunda parte, do protótipo do homem supérfluo, moralmente sensível, mas incapaz de qualquer ação concreta. A discussão entre esses dois tipos da literatura representa uma síntese do complexo conflito de gerações que caracteriza a sociedade russa.

Frente aos dogmas das ciências naturais, os homens de ação aceitam o destino proposto e estagnam. “O muro para eles não é causa de desvio, como, por exemplo, para nós, homens de pensamento, e que, por conseguinte, nada fazemos”.¹⁶ Tal ausência de questionamento elimina o sentimento de dever moral. “O hiperconsciente homem do subterrâneo, que não tem a graça redentora da estupidez, apenas sabe muito bem que o muro de pedra da ciência e do determinismo frustra a ideia de qualquer tipo de reação moral”.¹⁷ *Memórias do subsolo* ainda não contém a proposta redentora presente nos grandes romances dostoiévskianos. O escritor se limita, nesse momento, em apontar os limites da modernidade através do desespero do homem do subsolo diante dos desafios morais.

A ideia de que o egoísmo racional, uma vez aceito, faria com que o homem compreendesse a utilidade de se identificar com a maioria para instaurar o bem comum na sociedade é vista por Dostoiévski como uma utopia. Isso porque tal proposta negligencia a necessidade humana de exercer seu livre-arbítrio. O autor não rejeita a busca por um estado de paz e prosperi-

15 DOSTOIÉVSKI, 2009, pp. 43-44.

16 DOSTOIÉVSKI, 2009, pp. 21-22.

17 FRANK, 2002, p. 442.

dade, apenas discorda da defesa de que o único meio de alcançá-lo seja através do sacrifício da liberdade individual. Nas palavras do homem do subsolo, a afirmação de que o indivíduo irá se abster de suas vontades para responder aos interesses normais – isto é, responder às vantagens sociais justificadas pela razão – não se sustenta. O romancista se opõe a esses ideais ao afirmar que, mesmo se o homem compreendesse que precisa viver segundo as leis da natureza, ele ainda assim inventaria razões para não seguir esse caminho.

A figura do homem do subsolo é utilizada enquanto uma crítica ao cientificismo, que, como entende o autor, dissipa os sentimentos morais e sociais humanos. Porém, as inquietações humanas não podem ser reduzidas às ambições racionais. Afinal, como afirma a personagem: “Que sabe a razão? Somente aquilo que teve tempo de conhecer (algo que, provavelmente, nunca chegará a saber; embora isto não constitua consolo, por que não expressá-lo?)”.¹⁸ A crítica, porém, não é pura rejeição da razão, mas afirmação da necessidade de algo que ultrapasse esse ideal e preencha o vazio ontológico.

As críticas que temos na novela acerca dos aspectos moralmente mais questionáveis do romantismo europeu revelam os perigos morais e espirituais de um processo cultural que promove a intensidade de sensação como um valor supremo. O anti-herói dostoiévskiano representa o desligamento do solo russo e o abandono da tradição, mas, como não poderia deixar de ser, representa também uma crítica das certezas dessa tradição. O homem do subsolo se volta com a mesma força contra o progresso e contra o atraso, contra a razão e contra a sua ausência. A primeira parte dessa novela representa uma conclusão mais acabada das severas críticas ao processo civilizacional europeu desenvolvidas em *Notas de inverno sobre impressões de verão*. A segunda parte, por sua vez, é um passo decisivo de Dostoiévski rumo aos grandes romances filosóficos e representa uma ruptura definitiva com algumas das suas ideias do período anterior ao exílio.

18 DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 41.

III. Crítica ao romantismo

Os escritos de Dostoiévski demonstram uma consciência em relação às contradições do processo civilizatório, compreendido pelo autor como racionalização e redução técnico-científica das dimensões da existência. A ideia de homem universal, uma construção abstrata, estabeleceu o projeto racionalista que fundamentou uma civilização na qual a técnica e a ciência passaram a ser tidas como elemento de reconciliação das contradições inerentes ao convívio humano. Diante dessa proposta de progresso, que culminaria na construção de uma sociedade pacífica e próspera, o homem se rendeu e estagnou. O resultado dessa quietude promovida pela engenharia social burguesa se expressará na resposta romântica ao racionalismo.

George Lukács concluiu seu ensaio *A teoria do romance* defendendo que Dostoiévski se distanciou completamente do romantismo europeu do século XIX.¹⁹ O surgimento de uma nova forma de romance, na qual o autor reconheceu a tentativa de Tolstói de construir um tipo de epopeia moderna, estabeleceu uma resistência ao materialismo e ao racionalismo.²⁰ Dostoiévski adotou essa postura romântica nos primeiros anos de sua formação e permaneceu, de certo modo, sob essa influência sempre que precisou argumentar contra o racionalismo. A primeira fase do pensamento do autor aproxima-se do romantismo de Tolstói com seu retorno às dimensões transcendentais da existência. A segunda fase, porém, distancia-se desse pensamento e instaura-se através da forma romanesca. Lukács, ainda que não se detenha na análise de Dostoiévski, ajuda-nos a compreender a inovação da literatura do romancista. Tolstói fundamenta a essência de sua obra na natureza, enquanto Dostoiévski a fundamenta na cultura. Ambos, porém, estão se opondo aos autores que, como Turguêniev e Tchernichévski, ancoram suas ideias na concepção de civilização.

19 LUKÁCS, 2000, p. 160.

20 LUKÁCS, 2000, pp. 150-161.

Como vimos, na primeira parte da novela o homem do subsolo se opôs às teorias racionalistas emergentes na década de 1860, representadas através de constantes alusões às ideias de Tchernichévski. Já na segunda parte, ele se volta contra o romantismo social da década de 1840. Ou seja, o contexto histórico de *Memórias do subsolo* tem como pano de fundo os conflitos ideológicos da sociedade russa do século XIX, e é preciso considerar essa interferência para compreender a real intenção do autor. O homem do subsolo inicia sua narrativa aos quarenta anos de idade, voltando-se contra o racionalismo e, após, relembra os seus vinte e quatro anos, período em que ele e quase todos os autores russos buscaram referências nos românticos sociais franceses. Nessa mesma época, em 1848, o jovem Dostoiévski havia começado a frequentar as reuniões do círculo revolucionário de Petrachévski, quando então defendeu as ideologias que o levariam aos trabalhos forçados na Sibéria, de onde ele voltou combatendo o que antes defendia. Diante disso, é válido ressaltar que, na segunda parte da novela, ainda que muitas vezes a voz de Dostoiévski se faça ouvir nas palavras proclamadas pelo homem do subsolo, o livro não trata da experiência do seu escritor em um sentido literal, como por muito tempo se interpretou.²¹

Com o homem do subsolo, Dostoiévski quis mostrar que as tentativas de conciliar as ambições do homem com os ideais abstratos da modernidade são inviáveis. A reação da personagem, na ocasião do encontro com Liza, mostrará isso. Nas palavras de Paul Evdokimov, “O homem do subterrâneo está em êxtase diante de seu livre-arbítrio”.²² O individualismo e o egoísmo, resultados do anúncio de autonomia da modernidade, são apresentados como impossibilidade por Dostoiévski quando Liza dissolve a vaidade do homem do subsolo. Considerado isso, busca-se aqui apresentar a desconstrução elaborada por Dostoiévski do que ele considerava uma suposta autonomia moderna, uma ilusão anunciada como possibilidade através de abstrações do desejo metafísico. Nas palavras de René Girard,

21 FRANK, 2002, p. 455.

22 EVDOKIMOV, 1978, p. 41.

Aos olhos de Dostoiévski essa promessa enganosa é essencialmente uma promessa de autonomia metafísica. Por trás de todas as doutrinas ocidentais que se sucedem há dois ou três séculos, encontra-se sempre o mesmo princípio: Deus está morto, cabe ao homem tomar seu lugar. A tentação do orgulho é eterna, mas ela se torna irresistível na época moderna, pois passou a ser orquestrada e ampliada de maneira inaudita. A “boa nova” da modernidade chega a todos os ouvidos. Quanto mais ela fica profundamente gravada em nosso coração, mais violento se torna o contraste entre essa promessa maravilhosa e o desmentido brutal que a experiência lhe aflige.²³

No subsolo revelado por Dostoiévski, o raciocínio utilitarista jamais levará ao estado de felicidade e paz que prometem os revolucionários. Enquanto estiver sob o domínio da razão, os homens inventarão novas formas de conflito. Afinal, como narra o homem do subsolo, pode-se querer ir contra a própria vantagem. Cansado do sofrimento gerado pela recusa de se submeter aos outros – condição para que seja mantida a consciência viva diante do percurso pelo qual a humanidade marcha sem questionar –, o homem do subsolo se refugia no mundo conciliador de tudo que é “belo e sublime”. Essa busca pelo refúgio em tudo o que é “belo e sublime” representa uma tentativa de escapar dos padrões de vida fincados puramente no universo calculado da racionalidade. Porém, conhecer o ideal não impossibilita o mal: “Quanto mais consciência eu tinha do bem e de tudo o que é ‘belo e sublime’, tanto mais me afundava em meu lodo, e tanto mais capaz me tornava de imergir nele por completo”.²⁴ Isto significa considerar que, para o ser humano, mesmo diante do conhecimento do bem, a ação má pode ser uma escolha, como é a do homem do subsolo.

Segundo Girard, a promessa moderna de autonomia permite que o orgulho se infiltre no homem, e é nesse sentido que são as vítimas da modernidade suas maiores aliadas.²⁵ O homem do subsolo mostra que não é possível reduzir a realidade humana ao otimismo da razão e do progresso. Afinal, “[...] o ho-

23 GIRARD, 2009, p. 81.

24 DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 19.

25 GIRARD, 2009, p. 139, p. 82

mem, seja ele quem for, sempre e em toda parte gostou de agir a seu bel-prazer e nunca segundo lhe ordenam a razão e o interesse; pode-se desejar ir contra a própria vantagem”.²⁶ Comprendemos então em que sentido a segunda parte da novela revela um individualismo determinado pela modernidade. A violência com a qual o homem do subsolo ofende Liza faz com que ele se sinta autônomo perante ela. Porém, “A violência, longe de servir aos interesses de quem a exerce, revela a intensidade de seu desejo; ela é pois um sinal de escravidão”.²⁷

Isso que aqui se pode chamar de lógica humanitária acompanha o homem do subsolo durante toda sua trajetória. A esse tipo de lógica pseudobenevolente, Dostoiévski responde com o colapso moral da personagem. A crítica do escritor atinge sua dimensão mais acabada em *Os irmãos Karamázov*, quando o romancista ironiza através da fala de uma personagem: “Quanto mais amo a humanidade em geral, menos amo os homens em particular, ou seja, em separado, como pessoas isoladas”.²⁸ É esse humanismo de conveniência que Dostoiévski combate obra após obra, mas que começa com os diálogos do homem do subsolo, que representam, nas palavras de Frank, “uma parodia irônica e uma inversão desse clichê do romantismo social”.²⁹

Na primeira parte da novela, o homem do subsolo se posiciona e argumenta diretamente contra o racionalismo. Na segunda parte, porém, Dostoiévski se volta contra o romantismo utilizando outro recurso, não mais com uma crítica externa que apenas se opõe às teorias. Pode-se inferir, como fizeram Frank e Girard, que a crítica do autor se faz ver a partir do colapso moral preparado para a personagem.

Após ter se voltado contra o progresso, o homem do subsolo se volta contra o atraso. Segundo Frank, essa revolta foi inscrita na personagem enquanto representação do contexto que favorecia um egoísmo romântico e um sentimento de superioridade.

26 DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 39.

27 GIRARD, 2009, p. 139.

28 DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 74.

29 FRANK, 2002, p. 457.

ridade em relação às crenças do povo russo.³⁰ O que desvinculou o homem do subsolo da sua cultura foram os livros dos utópicos franceses e dos românticos sociais. A personagem diz: “Em casa, o que mais fazia era ler. Tinha vontade de abafar com impressões exteriores tudo o que fervilhava incessantemente. E, quanto a impressões exteriores, só me era possível recorrer à leitura. Naturalmente, ela me ajudava muito: perturbava-me, deliciava-me, torturava”.³¹ Ele continua: “Além da leitura, não tinha para onde me voltar, isto é, não havia nada no meu ambiente que eu pudesse respeitar e que me atraísse”.³² Pelo contexto histórico, presume-se que o que ele lia seriam os autores que Dostoiévski combatia.

Porém, nem mesmo o homem do subsolo conseguia se manter sempre no mundo das abstrações, e se afundava em uma “não digo devassidão, mas devassidãozinha”.³³ Mas ele, impregnado pelas ideologias ocidentais que invadiam a sociedade russa, não era capaz de sentimentos reais para com os outros. Ou talvez até fosse, “mas não os deixava sair, de propósito não os deixava”. Essa influência das novas teorias na cultura russa se faz ver mais claramente em algumas falas da personagem, como quando ela quer brigar com o general, mas afirma que, se ele soubesse o quanto é inteligente, iria se atirar ao seu pescoço implorando por amizade. Dostoiévski ironiza então o fato de o homem do subsolo se vangloriar dos seus conhecimentos literários.

Esse princípio degradante do individualismo leva o homem do subsolo a um estado de solidão claustrofóbica, da qual ele apenas brevemente se distancia quando encontra alguém que o reconhece como ele se vê – isto é, superior. Porém, para ele se sentir assim, é preciso que uma vítima seja humilhada. Ele diz, quando reencontra Liza, após negar-lhe a ajuda que antes havia oferecido: “Eu precisava então ter poder, precisava de um jogo, precisava conseguir as suas lágrimas, a sua hu-

30 FRANK, 2002, p. 459.

31 DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 61.

32 DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 62.

33 DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 61.

milhação, a sua histeria”.³⁴ Nos termos de Frank, é quando a personagem decide “doar seu amor à humanidade” que se reconhece a caricatura daquilo que Dostoiévski quer combater. Nesse momento do texto, o homem do subsolo “assume os traços do ‘sonhador’ romântico que Dostoiévski retratara em suas primeiras obras e cujas fantasias literárias haviam sido comparadas com as exigências morais e sociais da ‘vida real’ da qual tentara refugiar-se”.³⁵

Ainda segundo Frank, enquanto Dostoiévski escrevia *Memórias do subsolo*, já se delineava os contornos daquilo que seria o mais alto valor das obras posteriores do autor: o amor advindo do esquecimento de si. Esse sentimento genuíno é a proposta alternativa do autor ao romantismo social, autocomplacente e autoglorificador. Nas palavras do biógrafo, “Dostoiévski queria expor toda a pequena vanglória que se achava por trás dos ‘ideais’ da intelectualidade e contrapor isso ao triunfo sobre o egoísmo que via corporificado nos instintos cristãos espontâneos de uma alma russa simples”.³⁶

Momentos antes de encontrar Liza, a personagem se olha no espelho, vê um rosto repulsivo e diz: “Por acaso olhei-me num espelho. O meu rosto transtornado pareceu-me extremamente repulsivo: pálido, mau, ignóbil, cabelos revoltos. ‘Seja, fico satisfeito’, pensei. ‘Estou justamente satisfeito de lhe parecer repugnante; isto me agrada’...”.³⁷ O rancor que guarda pela sua humilhação diante do desprezo dos colegas de escola é revertido contra Liza. Ele ansiava por expor suas “ideiazinhas” secretas, cultivadas ao longo de anos no subsolo.

Absorvido por este jogo, ele pensa: “E por que não chegar às boas, se se tem pela frente uma alma tão jovem?...”.³⁸ Então o homem do subsolo conquista a confiança de Liza e a convida para a sua casa: “Aqui está meu endereço, Liza; venha à minha

34 DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 138.

35 FRANK, 2002, p. 463.

36 FRANK, 2002, p. 467.

37 DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 102.

38 DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 108.

casa”.³⁹ Nessas passagens da narrativa, percebem-se as críticas de Dostoiévski expostas através das ações do homem do subsolo. A personagem reproduz o herói romântico das leituras que fazia, e é nesse momento que compreendemos a esclarecedora declaração de Dostoiévski nas páginas finais da novela, na qual ele diz que o homem do subsolo carrega todos os traços de um anti-herói. Trata-se de uma crítica invertida, uma crítica a partir de dentro da lógica romântica. Ou seja, atribui-se à personagem as opiniões que se quer combater e o seu colapso moral representa o fracasso dessas ideias. Percebemos isso no momento ápice da narrativa, quando, movido pelo deboche em relação àquilo que ele entende como a vergonhosa situação de Liza, o homem do subsolo oferece sua ajuda. Ele contava que o orgulho de Liza não a permitiria se rebaixar, mas ela não é capaz de reconhecer que se trata de um deboche e o procura. Nesse momento, Dostoiévski desmarcara a personagem, que se vê em desespero por pensar que Liza o verá como alguém muito inferior em relação à superioridade que ele tentou demonstrar. Ele não suporta que alguém penetre e, pior, desvende a realidade hipócrita do seu subsolo, seu modo de vida baseado em teorias abstratas. Como não poderia deixar de ser, o homem do subsolo humilha a moça mais uma vez para recuperar seu sentimento de superioridade, que só se dá diante do fracasso do outro.

Em sua lógica egoísta, porém, ele não esperava que Liza irrompesse em seus braços para consolá-lo, em vez de devolver a ofensa com rancor. Aqui, temos o aceno da proposta regeneradora que o romancista apresenta em *Crime e Castigo*. O homem do subsolo chora e, pela primeira vez, permite aqueles sentimentos que antes ele “não deixava sair, de propósito não os deixava”. Mas quando, em sua vaidade, dá-se conta de que está sendo consolado por alguém que ele toma por inferior, sente-se mais humilhado. Frank sintetiza:

Dostoiévski não podia ter afirmado mais explicitamente que o coração do homem do subterrâneo, o cerne emotivo da sua natureza, não perdera absolutamente sua sensibilidade moral. Seu cérebro, alimentado pela educação que absorvera

39 DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 120.

tão completamente – uma educação baseada nos princípios ocidentais e nas imagens que esses protótipos incorporaram à literatura russa – é que pervertera seu caráter e fora responsável por seu ato desprezível.⁴⁰

À medida que o texto se aproxima do final, o homem do subsolo abandona seu discurso romântico e retoma algumas questões racionalistas. Ele propõe uma pergunta ao interlocutor: “O que é melhor, uma felicidade barata ou um sofrimento elevado? Vamos, o que é melhor?”.⁴¹ Isto é, o narrador questiona se é melhor viver feliz sob as estruturas de falseamento promovidas pelas distrações racionalistas ou viver consciente, mas se afundando cada vez mais no lodo do subsolo. Quando o homem do subsolo percebe que Liza não sucumbirá diante de sua lógica egoísta, é tomado pelo remorso e decide, ainda que por um breve momento, pedir perdão. Sua vaidade, porém, é mais forte: “Não irei eu odiá-la, amanhã mesmo talvez, justamente por ter lhe beijado hoje os pés?”.⁴² Ele ainda não é capaz da redenção que mudará o destino de Raskólnikov em *Crime e castigo*. Esse fraco aceno de transcendência definirá a dimensão redentora dos grandes romances. Temos aqui a gênese dos temas que perturbarão o escritor nos livros futuros, que serão inspirados pela tentativa de ir contra o radicalismo da intelectualidade russa e de promover uma alternativa aos dilemas da Rússia do século XIX.

Referências bibliográficas

CATTEAU, Jacques. “Du palais de cristal à l’âge d’or ou les avatars de l’utopie”. In: CATTEAU, Jacques. *L’Herne Dostoïevski*. Paris: Editions de l’Herne, 1973.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. 6a ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

40 FRANK, 2002, p. 470.

41 DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 145.

42 DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 144.

- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Crocodilo e Notas de inverno sobre impressões de verão*. 4a ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*. 3a ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- EVDOKIMOV, Paul. *Dostoïevsky et le problème du mal*. Paris: Desclée De Brower, 1978.
- FÖLDÉNYI, László. *Dostoyevski lee a Hegel en Siberia y rompe a llorar*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2006.
- FRANK, Joseph. *Dostoiévski: as sementes da revolta, 1821-1849*. 2a ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- FRANK, Joseph. *Dostoiévski: os efeitos da libertação, 1860-1865*. São Paulo: Edusp, 2002.
- FRANK, Joseph. “La conversion siberienne de Dostoïevski”. In: CATTEAU, Jacques; ROLLAND, Jacques (orgs). *Les Cahiers de La nuit surveillée*. n. 2. Editions Verdier, 1983.
- FRANK, Joseph. *Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura*. São Paulo: Edusp, 1992.
- GIRARD, René. *Mentira romântica e verdade romanesca*. São Paulo: É Realizações, 2009.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2000.
- SCHNAIDERMAN, Boris. Dostoiévski: a ficção como pensamento. In: NOVAES, Adauto. *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das letras, [1994].
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- TCHERNICHÉVSKI, Nikolai. *O que fazer?* Curitiba: Prismas, 2015.
- TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e filhos*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Recebido em: 14/01/2021

Aceito em: 13/04/2021

Publicado em abril de 2021